

## AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS ENFERMEIROS DO RIO GRANDE DO SUL\*

*Clélia Soares Burlamaque\*\**  
*Magny Maria Fontanive Becker\*\*\**  
*Anna Maria Hecker Luz\*\*\*\**

**RESUMO:** Estudo exploratório sobre a produção científica do enfermeiro no Rio Grande do Sul. A amostra foi constituída dos enfermeiros em atividade, tendo sido enviado aos mesmos um questionário composto de questões relacionadas a sua produção científica no período de 1981 a 1985. Os resultados demonstram uma baixa produção científica, a maioria dos trabalhos realizados não são publicados e o número de solicitações para órgãos financiadores é pequena. A análise dos dados indica aspectos que devem ser abordados numa proposta de formulação de uma política para incentivar a produção científica na enfermagem.

### 1 – INTRODUÇÃO

A produção científica da enfermagem, no Brasil, segundo CASTRO<sup>2</sup>, tem seu início no ano de 1958, quando enfermeiros brasileiros promovem um levantamento de recursos e necessidades de enfermagem. A partir desta data, outros marcos são apontados pela autora como importantes no desenvolvimento desta atividade. Entre eles destaca-se a defesa da primeira tese, em 1963, e, já, no ano seguinte a inclusão no Tema I do XVI Congresso Brasileiro de Enfermagem do assunto "Enfermagem e Pesquisa".

Na cronologia dos acontecimentos são, também, apontados como fatos significativos a criação, em 1971, de um Centro de Pesquisa em Enfermagem (CEPEN) na Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) e a entrada em funcionamento do primeiro curso de Mestrado no Bra-

\* Trabalho apresentado na 38ª reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

\*\* Professor Adjunto da EEUFRGS, mestre em Enfermagem, Coordenadora do Programa de Apoio a Pesquisa Especialização e Extensão da UFRGS (PAPE).

\*\*\* Professor Adjunto da EEUFRGS, mestre em Enfermagem, representante do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica no PAPE.

\*\*\*\* Professor Adjunto da EEUFRGS, mestre em Enfermagem, representante do Departamento de Enfermagem Materno Infantil no PAPE.

sil, na Escola Ana Neri, em 1972.

A partir daí, surgem as primeiras dissertações de mestrado que, juntamente com outros trabalhos, passam a fazer parte dos catálogos elaborados pela Comissão de Publicação e Divulgação da ABEn, com o título de "Pesquisas e Pesquisadores na Enfermagem". Este fato contribuiu para que os enfermeiros tivessem maior acesso à bibliografia sobre os assuntos desejados. Outro fato relevante é a publicação dos Anais dos Congressos Brasileiros de Enfermagem desde 1978, os quais, juntamente com a Revista Brasileira de Enfermagem, têm se constituído nos dois grandes veículos de divulgação dos trabalhos produzidos pelos enfermeiros.

Em 1979, o CEPEn promove o primeiro Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem o qual se repetiu em mais três ocasiões.

MACHADO<sup>5</sup>, em 1981, ao realizar um levantamento sobre pesquisa na enfermagem constatou a existência de 222 trabalhos já catalogados. Nestes, identificou como problemas, o grande número de trabalhos provenientes dos cursos de mestrado; produções individuais; distribuídos em setenta e três assuntos e que as bolsas de iniciação científica oferecidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) não tenham sido utilizados.

Em Avaliação e Perspectivas<sup>4</sup> encontram-se alinhadas diversas considerações envolvendo pesquisa na enfermagem, onde muitas delas vêm ao encontro das considerações feitas por MACHADO<sup>5</sup>: a produção científica está quantitativamente concentrada em tese para obtenção de títulos, embora haja outras fontes de produção; origina-se de propostas individuais; concentra-se na região sudeste; está voltada para a área hospitalar; entre 1978 a 1980 foram elaborados 64 projetos dos quais apenas cinco receberam algum tipo de financiamento e os pedidos foram poucos; são produzidos de forma isolada; correm por conta do pesquisador; os aspectos metodológicos necessitam ser melhorados.

A revisão da história da pesquisa na enfermagem mostra que ela é recente, apesar de que, como cita PAIM<sup>6</sup>, o próprio sistema de enfermagem brasileiro, por ter sua origem no Sistema Nightingale, é fortemente enraizado na pesquisa e que, apesar de ter pouco mais de meio século de implantação, muitas etapas já foram ultrapassadas.

Entretanto, parece claro que os estudos realizados com a finalidade de avaliar a produção científica dos enfermeiros têm mostrado que a mesma se reveste de algumas dificuldades ainda não transpostas.

Por outro lado, verifica-se que tais estudos apresentam resultados globais em termos de Brasil e que se basearam somente em trabalhos publicados.

Com o intuito de avaliar a produção científica dos enfermeiros do Rio Grande do Sul, nos anos 1981-1985, é que se decidiu realizar este estudo exploratório que tem como objetivos:

- analisar as características das produções, segundo o número, as áreas, as finalidades e se realizada, em grupo ou de forma individual;
- verificar a proporção entre publicação e produção, solicitação de financiamento e concessão;
- identificar as razões da não solicitação de financiamento e da limitação da produção.

## 2 – METODOLOGIA

A população deste estudo constituiu-se de enfermeiros em pleno exercício de atividades profissionais em hospitais, casas de saúde, escolas de enfermagem, secretarias de educação e saúde municipal e estadual, previdência social e outras instituições (creches, LBA, presídio, FEBEM) localizadas no Estado do Rio Grande do Sul.

O Conselho Regional de Enfermagem contava, em abril deste ano, com 2870 enfermeiros inscritos.

Para o envio do instrumento foram localizados 2125 profissionais. A defasagem entre os enfermeiros inscritos e os que receberam a correspondência pode correr por conta da não localização do indivíduo no trabalho, aposentadorias e desempregos. Segundo o documento elaborado pelo COFEn, na Região Sul<sup>3</sup>, 13,1% dos enfermeiros ficam até 1 ano sem trabalhar e 6,9% ficaram mais de um ano.

No levantamento das informações sobre produção se utilizou um instrumento que constou de duas partes: uma sobre características da população e da produção, e outra sobre as razões que limitam o enfermeiro de produzir.

Estabeleceu-se como produção científica trabalhos de pesquisa, livro, resenha, artigo, normas técnicas e relato de experiência.

A primeira parte do questionário, dedicada apenas aos profissionais que tinham produção, deveria ser respondida tantas vezes quantos trabalhos tivesse o respondente, pois os dados solicitados se referiam a um só trabalho.

A segunda parte deveria ser respondida por todos os enfermeiros, independentemente de terem ou não produção no período de 1981 a 1985.

As questões eram de escolha simples ou múltipla, e, ao final de cada uma, deixou-se espaço para eventuais manifestações do autor.

Assim, cada enfermeiro recebeu um conjunto de folhas constituído de uma carta com explicações sobre esta pesquisa e sobre o preenchimento do questionário; uma folha contendo dados sobre as características da população e produção, e uma última sobre os fatores limitantes da produção. (Anexo I)

Acompanhou o conjunto de impressos, um envelope com endereço e selo para o retorno.

Também enviou-se às chefias dos serviços uma carta solicitando seu empenho na devolução das respostas, bem como um determinado número da primeira parte do instrumento, a fim de que aqueles que tivessem mais de uma produção pudessem se manifestar. Estas foram chamadas pelos autores, de produções extras, e os respondentes se constituíram daqueles conjuntos da primeira e segunda partes, pois as razões da limitação de produção (2ª parte) deveriam ser respondidas por todos, e somente uma vez.

Como metodologia se estabeleceu que os instrumentos devolvidos seriam, entre outras medidas, separados em produções feitas individualmente e produções feitas em grupo. Nestas, depois de agrupadas, segundo o título, foram somadas às individuais e, aí, obteve-se o número total de produções.

Para se estabelecer as áreas, as produções foram catalogadas por dois dos pesquisadores e após, mais uma vez submetidas a pessoa alheia ao trabalho que comparou a seleção feita com a bibliografia.

A descrição e discussão dos resultados serão feitas no capítulo seguinte.

### 3 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

#### 3.1 – Considerações Gerais

Na realização desta pesquisa, encontraram-se algumas dificuldades, as quais serão relatadas com a finalidade de colaborar com futuros trabalhos científicos.

Dentre os 714 questionários recebidos, 165 (23%) não puderam ser computados por não possuírem título ou estarem mal preenchidos.

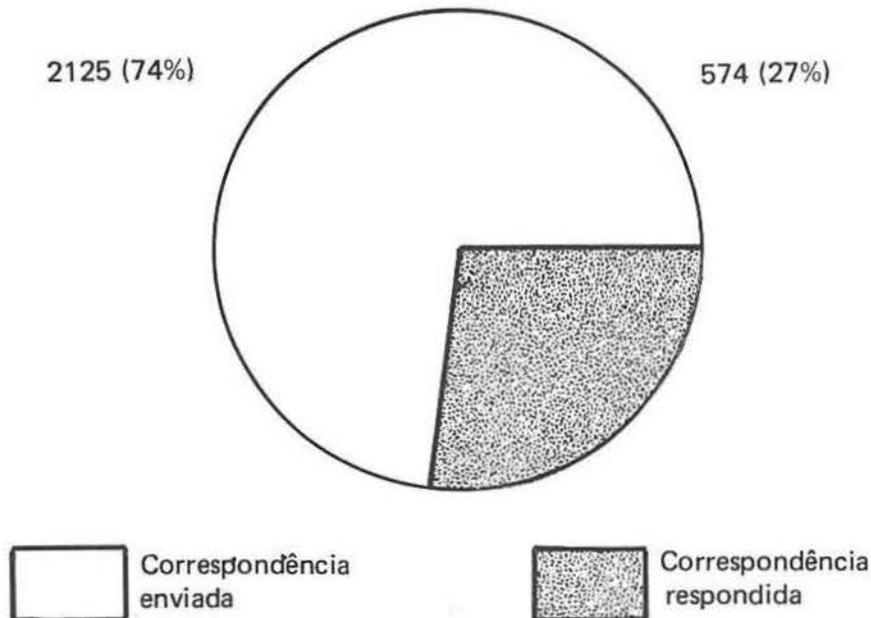
A razão disto pode ser creditada ao fato de que o instrumento não tenha sido suficientemente testado ou que os respondentes não tenham tido o devido cuidado na leitura das instruções.

A perda de grande número de respondentes, apesar do envio de envelope endereçado e selado para a resposta, poderia estar refletindo o grau de valorização que os enfermeiros atribuem à pesquisa.

Certas características, como jornada de trabalho, atividade principal e titulação não puderam ser analisadas pois, quando as produções foram realizadas em grupo, houve, por exemplo, quatro diferentes atividades dos autores num mesmo trabalho, impossibilitando assim a correlação entre atividade e produção.

A seguir, apresentam-se alguns resultados obtidos.

Figura 1 – Distribuição da população atingida



Como se vê na figura 1, dos 2125 enfermeiros localizados e aos quais foi remetido o material, recebeu-se a resposta de 574, o que corresponde a 27% da população. Dentre estes, 276 (48,1%) estão envolvidos em uma ou mais produções científicas, e 298 (51,9%) não produziram no período estudado.

Os questionários com produção em grupo, depois de reunidos segundo o título foram somados aos trabalhos de realização individual e chegou-se ao cômputo de 221 produções. A média de produção é de 0,8, por enfermeiro.

O estudo destas produções será apresentado a seguir em forma de tabelas ou figuras acompanhadas de discussão.

### 3.2 – Características das Produções

Neste item apresenta-se a discussão dos resultados obtidos através das 221 produções realizadas no período 1981-1985.

Tabela 1 – Distribuição do número de produções no período de 1981 a 1985.

Ano	Produções	n.	%
1981		27	12,2
1982		34	15,4
1983		38	17,2
1984		38	17,2
1985		84	38,0
Total		221	100,0

Os dados expostos evidenciam que a produção científica na enfermagem vem apresentando, no decorrer dos anos estudados, um crescimento lento, mas progressivo. Exceção se faz ao ano de 1985, onde se verifica um grande aumento do número de produções em relação aos anteriores.

Este aumento talvez decorra da presença de um número maior de mestres e doutores em nosso meio. Embora os enfermeiros do Rio Grande do Sul possam ter feito seus cursos de mestrado na década de 70, a conclusão das dissertações se apresentam a partir de 1981. É, após este ano, que os mestres poderiam se mostrar capazes de influenciar seus colegas ou alunos, no trabalho científico.

Outro fator que poderia ser considerado como causa do aumento das produções é o preparo do aluno de cursos de especialização para a pesquisa. Entretanto, tal idéia carece de maior investigação, pois não se sabe se houve aumento do número de especialistas e, se há, em todos os cursos, a exigência de um trabalho nesta área.

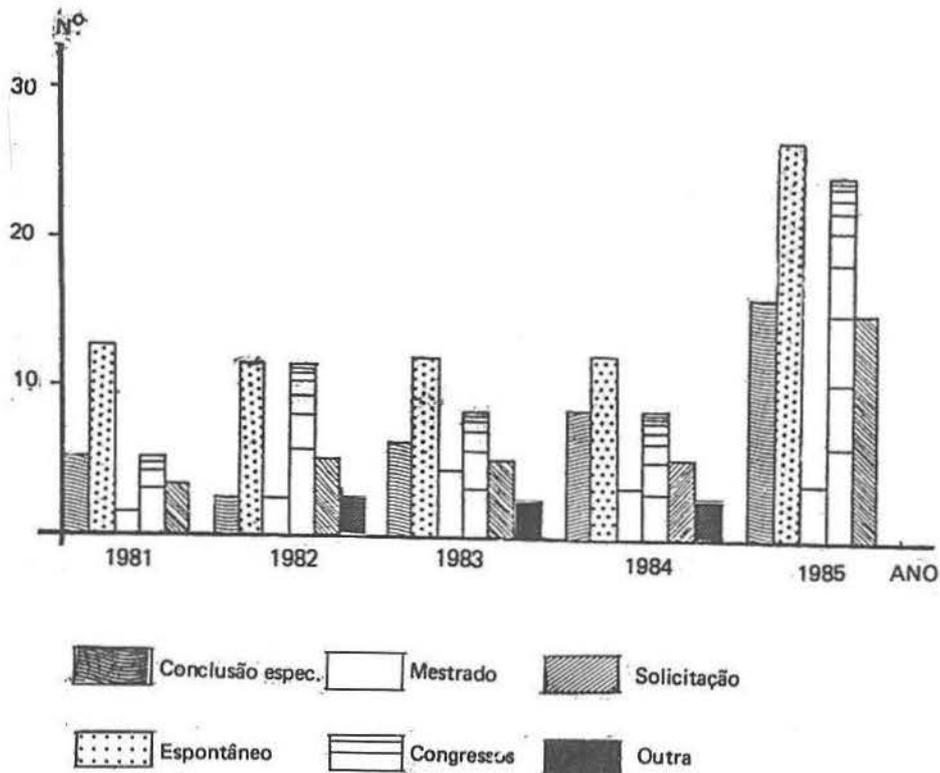
Estes são alguns fatores que poderiam estar influenciando na produção. Mas, quem sabe, os enfermeiros estão despertando para o atendimento de que a enfermagem, para descobrir seus próprios caminhos, tem que seguir o caminho da ciência?

Um dado que chama a atenção neste estudo é o número de produções referentes ao ano de 1985, quando se constata um aumento de

121% em relação ao ano anterior.

Um dos objetivos deste trabalho era estudar as finalidades das produções no seu todo. Entretanto, evidenciou-se um aumento das produções em 1985, resolveu-se identificar as finalidades por ano, o que poderia levar às possíveis razões do achado. Verificou-se que as finalidades neste ano não se mostram muito diferentes dos outros anos, havendo somente um aumento proporcional em todos os itens, como se pode observar na figura a seguir.

Figura 2 — Distribuição da produção científica segundo as finalidades e o ano de realização.



Analisando as finalidades das produções dos enfermeiros, através dos anos estudados, verificou-se que a produção se mantém constante.

Tabela 2 – Distribuição do número de produções segundo a finalidade das mesmas

Finalidades	Produções	
	n.	%
Conclusão Curso de Especialização	37	16,7
Titulação Livre-Docente ou Docente	0	0,0
Espontâneo	75	34,0
Conclusão Curso Mestrado	15	6,8
Apresentação em eventos	56	25,3
Solicitação da Instituição	32	14,5
Outra	6	2,7
<b>Total</b>	<b>221</b>	<b>100,0</b>

No que diz respeito às finalidades das produções, verifica-se que a maior incidência está nos trabalhos feitos de forma espontânea (34,0%). Destacam-se, a seguir, os trabalhos para apresentação em eventos (25,3%).

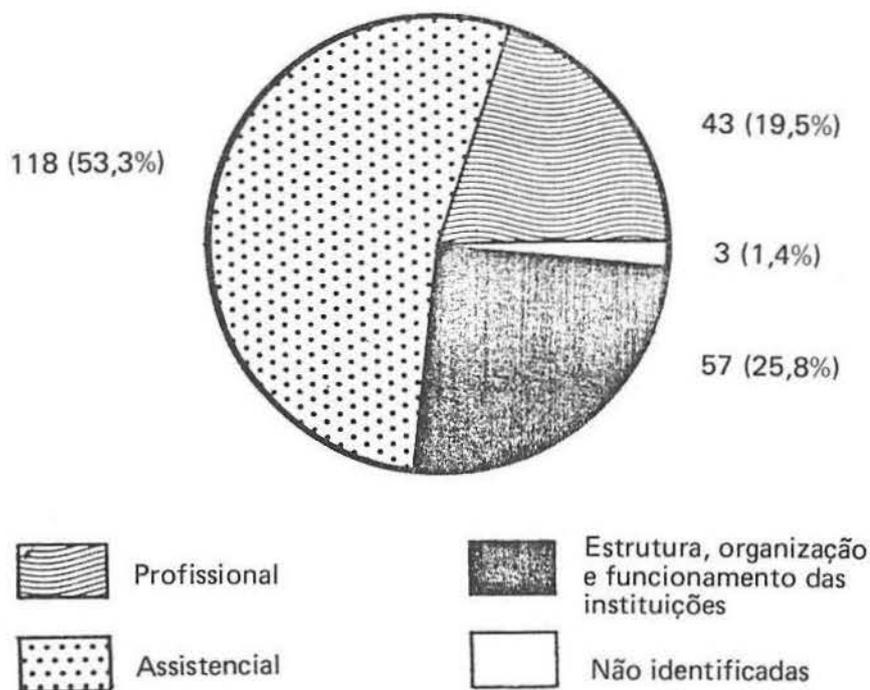
Estes achados parecem demonstrar que o enfermeiro está verdadeiramente interessado em investigar e discutir a realidade da enfermagem. Embora se possa inferir que alguns trabalhos elaborados para apresentação em congressos tenham como raiz a dispensa do emprego ou a ajuda financeira para participar do evento, pode-se, também inferir que alguns ou muitos deles são feitos com a preocupação da busca da verdade sobre os problemas da enfermagem.

Não se constatou a presença de produções realizadas por livres-docentes ou doutores. Sabe-se que em nosso Estado poucos enfermeiros têm obtido essa titulação nos últimos anos.

Os trabalhos realizados para conclusão dos cursos de especialização e por solicitação da instituição apresentaram uma percentagem semelhante e situam-se em terceiro lugar, antecidos pelos realizados espontaneamente e para apresentação em congresso.

As instituições, ao solicitarem as produções, parecem estar se preocupando com a melhoria da qualidade da assistência, da estrutura organizacional e de seus recursos humanos.

Figura 3 – Distribuição das produções segundo as áreas de Pesquisa estabelecidas pelo CNPq



Ao considerar-se os dados acima apresentados, verifica-se que a ênfase nas produções é dada à área 2 – Enfermagem Assistencial –, e que há uma menor preocupação em tratar dos assuntos da área 1 – Enfermagem Profissional.

A tendência de se estudar com maior intensidade o problema da prática, já se verificou em estudos realizados a nível nacional em 1977 e em 1980. Talvez, tal resultado não pudesse ser diferente, pois ao se examinar os questionários, constatou-se que os próprios enfermeiros docentes concentram seus estudos na área assistencial.

Dos 118 trabalhos relacionados à área assistencial, verificou-se que 77 (81,9%) produções eram do âmbito hospitalar, 17 (18,1%) de saúde pública e 24 (20,3%) não puderam ser classificados. Destas 24 produções, 12 se preocupavam com a problemática da infecção e não foi possível identificar se relacionavam-se ao hospital ou saúde pública. Numa avaliação mais aprofundada, observou-se que a grande maioria destes trabalhos foram produzidos em 1985, talvez como consequência da

maior preocupação com que o assunto foi tratado a nível nacional pelas autoridades brasileiras, nesse ano.

Dos 77 trabalhos da área hospitalar, 47 (61%) se preocuparam com enfermagem ao adulto, 25 (32,5%) com enfermagem materno-infantil e 5 (6,5%) com enfermagem psiquiátrica.

Observou-se, ainda, que nos 72 trabalhos da área materno-infantil e do adulto, a maioria 63 (87,5%) se atinha ao estudo de problemas psicobiológicos, sendo que o estudo de problemas psicossociais apareceu em 9 trabalhos, correspondendo a 12,5%. Não se identificaram trabalhos na área psicoespiritual.

Há uma grande dispersão de temas, podendo-se constatar que há apenas um autor que busca aprofundar um mesmo assunto. Estas características dos produtores já haviam sido identificadas, em nível nacional, no estudo realizado por MACHADO<sup>5</sup>.

Chama-se a atenção dos leitores que esta classificação foi feita baseada nos títulos dos trabalhos o que pode determinar uma menor precisão nos achados. Para minorar este possível problema, na dúvida, deixaram-se 24 produções sem classificação. A segunda preocupação dos enfermeiros é trabalhar com problemas da área 3, mais especificamente, aqueles relacionados com modelos de assistência de enfermagem, sistema de informação e dinâmica das organizações.

Os 43 trabalhos apresentados na área 1 são bastante dispersos em relação aos conteúdos. Somente 3 se ativeram a discutir sobre o espaço e condições de trabalho do enfermeiro e foram realizados sobre metodologia e avaliação do processo ensino-aprendizagem e currículo.

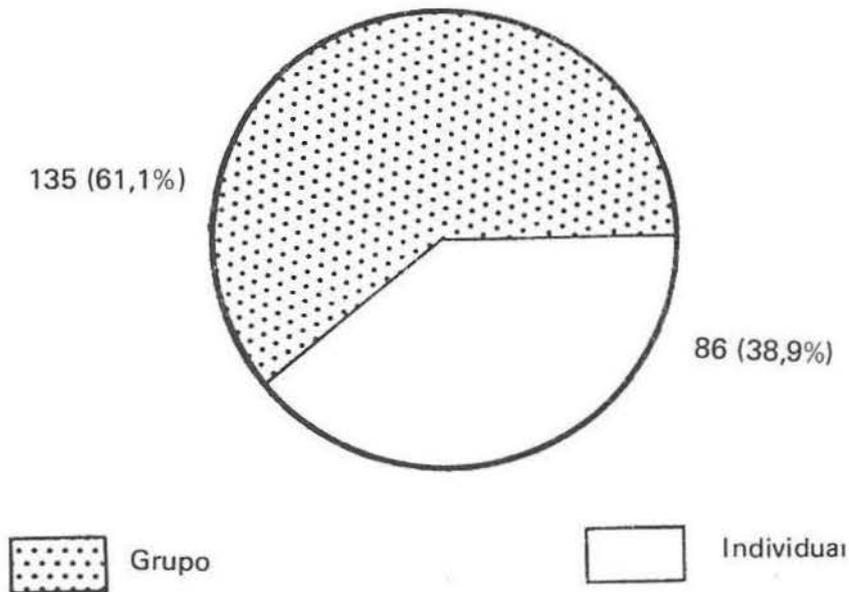
Em nosso Estado, a preocupação com os problemas do enfermeiro enquanto trabalhador intensificou-se consciente a partir de 1983, quando vários movimentos reivindicatórios surgiram na comunidade. Talvez resida aqui a razão da existência de poucos trabalhos sobre os fatores determinantes das condições de trabalho da categoria, sobre o mercado de trabalho e sobre a divisão social do trabalho.

No que diz respeito aos poucos estudos feitos sobre problemas que envolvem o ensino de graduação e pós-graduação é uma realidade que precisa ser questionada, pois identificou-se que os docentes que se dedicam à produção científica têm como propósito de suas produções a área assistencial.

As possíveis razões desta tendência talvez estejam no fato de que a ênfase dada nos cursos de enfermagem de graduação e especialização se concentra na necessidade do enfermeiro dirigir-se à prática profissional. E, talvez, se pudesse afirmar, embora sem um estudo, que mesmo os cursos de mestrado dão ênfase à área assistencial.

Um fato que talvez ajude a demonstrar que há uma força que leva os enfermeiros a trabalhar temas assistenciais é o de que na Escola de Enfermagem da UFRGS, os professores mestres ou mestrandos do Curso de Mestrado em Educação, centram na sua maioria, seus trabalhos nessa área.

Figura 4 – Distribuição do número de produções realizadas em grupo ou de forma individual.



A distribuição acima apresenta maior número de produções realizadas em grupo (61,1%). Estes resultados vêm de encontro às considerações feitas por MACHADO<sup>5</sup> e por aquelas encontradas no documento do CNPq<sup>4</sup>, pois ambos registram a existência de maior número de trabalhos individuais, nos estudos que realizaram.

A tendência para a realização de trabalhos em grupo é um fato importante para o desenvolvimento da produção científica da enfermagem.

Tabela 3 – Proporção de trabalhos publicados e em publicação\*, segundo o ano e o número de produções no período de 1981 a 1985.

Ano	Publicação/produções	%
1981	15/27	55,6
1982	20/34	58,8
1983	18/38	47,4
1984	16/38	42,1
1985	38/84	45,2
Total	107/221	48,4

\*Oito trabalhos não apresentaram resposta sobre publicação.

Analisando os dados acima, verifica-se que a proporção de trabalhos produzidos e publicados guardam uma certa relação, ao longo dos anos, chegando à proporção média de 48,4%, ou seja, mais ou menos, a metade da produção é publicada.

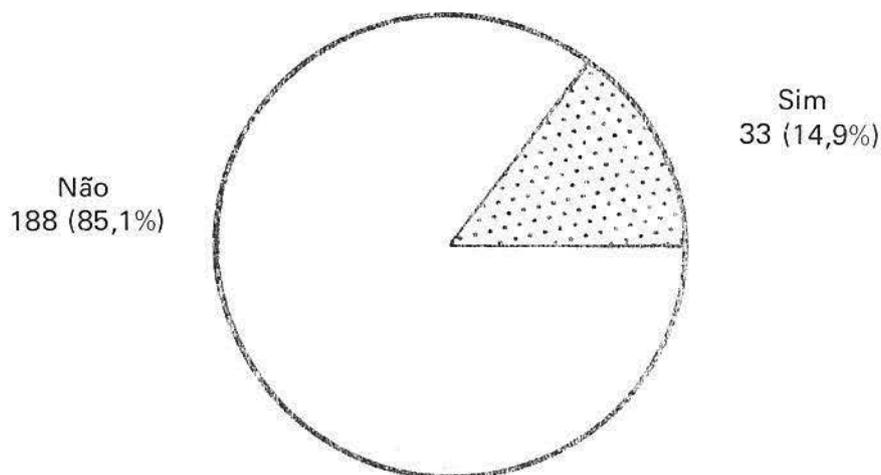
Entre os fatores que podem ser apontados como possíveis determinantes da não publicação dos trabalhos pode-se citar:

- os enfermeiros realizam os trabalhos, mas têm dificuldades em registrá-los dentro de uma metodologia. Por outro lado, o excesso de exigências sobre a qualidade de seus trabalhos não lhes permite expô-los facilmente;
- os enfermeiros produzem somente para resolver problemas da sua instituição e se satisfazem, repassando oralmente os resultados;
- os enfermeiros produzem trabalhos para encontros. Como todos os trabalhos apresentados ao Congresso Brasileiro de Enfermagem são de publicação exclusiva da Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn), supõe-se que muitos se perdem neste espaço, pois a REBEn não tem condições de absorver o grande número de trabalhos;
- os enfermeiros podem estar realizando os trabalhos como um fim em si mesmos, não valorizando a divulgação de novos conhecimentos, pois a Revista Gaúcha de Enfermagem, que tem como finalidade divulgar a produção científica do Rio Grande do Sul, apresenta dificuldade em conseguir trabalhos para completar as seções de seus volumes.

Da análise dos dados, depreende-se que, embora tenha aumentado o número de produções, a proporção existente entre estas e a publicação têm sido mantidas, ao longo dos anos, o que comprova que o aumento de produções não se traduz em aumento de publicações.

Dois fatores podem estar contribuindo para esta realidade: de um lado o não encaminhamento dos trabalhos para publicação e, de outro, a falta de espaço para tal.

Figura 5 – Distribuição do número de solicitações de financiamento por produção



Os resultados da questão sobre solicitação de financiamento são bastante expressivos, chegando-se a verificar que apenas 14,9% das produções são financiadas.

Na suposição de que era esta a realidade, perguntou-se aos enfermeiros as razões pelas quais não solicitaram auxílio financeiro e as respostas se encontram na tabela 4.

Tabela 4 — Razões indicadas pelos enfermeiros como justificativas para a não solicitação de financiamento

Razões*	n.	%
Exigência burocrática	84	26,4
Concessão parcial de auxílio	17	5,3
Desconhecimento órgãos financiadores	106	33,4
Demora na aprovação do projeto	61	19,2
Outros	50	15,7
Total	318	100,0

\*Até três opções por respondente.

Segundo se pode observar, o motivo mais freqüente que leva o enfermeiro a não solicitar financiamento é o desconhecimento dos órgãos financiadores (33,4%), seguindo-se a exigência burocrática (26,4%) e demora na aprovação do projeto (19,2%).

Estas duas primeiras razões também foram evidenciadas como mais freqüentes em trabalhos realizado por ADAMI<sup>1</sup> e colaboradores.

Pelas respostas, pode-se deduzir que os órgãos financiadores não estão atingindo a sua população-alvo. Alguns dos enfermeiros podem desconhecer o órgão, outros podem desconhecer como se dá o financiamento ou, ainda, desconhecer ambos.

Certas agências nacionais de financiamento não têm trazido muito a público as suas metas e a forma como atendem as solicitações.

Tabela 5 — Distribuição dos pedidos de financiamento segundo às instituições financiadoras e a concessão dos recursos.

Órgão Financiador	Concessão/solicitação	%
Instituição em que trabalha	18/20	90,0
CNPq	2/5	40,0
PADES	5/5	100,0
Órgãos de Classe	3/3	100,0
Total	28/33	84,8

Com o intuito de verificar a que órgãos financiadores eram feitas as solicitações e em que quantidade estas eram atendidas, elaborou-se a Tabela 5.

O resultado demonstra que importantes agências financiadoras de âmbito nacional como CAPES, CNPq e FINEP não receberam solicitações ou foram pouco solicitadas.

Examinando-se as produções financiadas pelo CNPq, verificou-se que das cinco solicitações feitas, quatro procediam de autores docentes, o que vem confirmar a suspeita de que a divulgação chega, quando muito, aos meios universitários.

Talvez a democratização destes órgãos possibilite expandir os auxílios a um número maior de pessoas. Isto parece estar acontecendo com o CNPq, que no Rio Grande do Sul, quer através de seu agente regional, quer através de seu diretor nacional promoveu, neste semestre, dois encontros com entidades as mais diversas para a discussão das propostas de ambos os lados.

A não utilização dos organismos financiadores pelos enfermeiros que os conhecem, talvez se deva ao fato de que as produções por serem feitas de forma ocasional, sem programação prévia, tenham seu início fora das datas previstas pelo calendário dos órgãos financiadores.

Ainda, talvez, um outro motivo existente e que não foi apontado, é de que os enfermeiros não se sentem encorajados a apresentar seus projetos, uma vez que relataram ter dificuldades quanto à metodologia científica.

Os docentes, que recorrem ao Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino Superior (PADES) nos seus projetos, têm recebido boa acolhida. Talvez os trabalhos na área de ensino devessem ser encaminhados a este órgão, já que todos os financiamentos foram concedidos.

A participação dos órgãos de classe (ABEn e COREn) não tem caráter sistemático em financiamentos, e se acredita que os trabalhos aqui relacionados, tenham sido feitos a pedido das instituições.

Uma questão a se discutir e que parece estar inibindo os enfermeiros, é a tendência que tem certos organismos financiadores de concederem auxílio somente a projetos de pesquisa experimental.

Neste aspecto, dois fatos ocorrem na enfermagem: primeiro, a enfermagem ainda é uma área do conhecimento que não atingiu um nível de excelência em pesquisa. Por isto, passa-se a figurar entre os núcleos a que pertencem as profissões emergentes e, aí, cai-se num círculo vicioso: como as verbas são pequenas, financia-se pouco, e, como financia-se pouco, pede-se também pouco, e, produz-se menos ainda.

O segundo fato é que, a enfermagem preocupa-se em estudar aspectos que melhoram as condições de vida da clientela e que tais estudos prescindem, muitas vezes, pesquisa experimental.

Os enfermeiros quando fazem seus pedidos, na sua maioria recorrem a instituição em que trabalham (Tabela 5), talvez porque é um órgão que pode financiar, sem grandes exigências burocráticas, mais rapidamente.

Um evento, que poderia contribuir para a maior divulgação dos financiamentos de produções científicas, são os Seminários Nacionais de Pesquisa. Entretanto, a participação dos enfermeiros nestes encontros é muito restrita e, além disto, numa observação rápida, verifica-se que a maioria dos participantes são docentes.

Tabela 6 – Razões indicadas pelos enfermeiros como limitantes para a produção científica

RAZÕES	COM		SEM		TOTAL	
	PRODUÇÃO		PRODUÇÃO			
	n	%	n	%	n	%
Bibliografia - não acessível	56	9,2	57	8,4	113	8,8
Orientadores - número reduzido	84	13,8	76	11,2	160	12,4
Metodologia - pouco domínio	99	16,3	126	18,6	225	17,5
Tempo - falta de	130	21,3	155	22,9	285	22,2
Custos - por conta pesquisador	119	19,5	119	17,6	238	18,5
Organização institucional - deficiente	37	6,1	52	7,7	89	6,9
Incentivo - falta de	72	11,8	83	12,3	155	12,1
Acesso à informação - resistência das instituições	12	2,0	9	1,3	21	1,6
TOTAL	609	100,0	677	100,0	1286	100,0

\* Até três opções por respondente.

Nesta tabela observa-se que os enfermeiros indicaram o fator falta de tempo como o principal limitante da produção científica. A seguir, identificaram os custos por conta do pesquisador e o pouco domínio da metodologia, como os outros dois aspectos mais importantes que contribuem para o não aumento da produção.

Estes três fatores também foram apontados, quando se investigou, isoladamente, entre os que produzem e os que não produzem, observando-se, apenas, que houve uma inversão de colocação que diz respeito ao segundo e terceiro item.

Estão relacionados em 4.<sup>o</sup> ou 5.<sup>o</sup> lugar, o número reduzido de orientadores e a falta de incentivo.

Como menos importantes, aparecem a bibliografia não acessível e as questões referentes às organizações institucionais.

O documento elaborado pelo Conselho Federal de Enfermagem<sup>3</sup> em conjunto com a Associação Brasileira de Enfermagem mostra que, na Região Sul, a jornada de 40 a 49 horas semanais é realizada por 59,6% dos enfermeiros da saúde e 51,8% dos enfermeiros de ensino, e que se chegará, respectivamente, a 89,2% e 71,2% se forem incluídos os enfermeiros que se submetem à jornada de 30 a 39 horas semanais.

Sob estas condições de trabalho, poder-se-ia dizer que o enfermeiro teria oportunidade durante a jornada de dedicar-se à produção científica.

Entretanto, parece que mesmo num período longo, os enfermeiros não encontram facilidades para produzir. Talvez, seja preciso que não só os profissionais, mas sobretudo as chefias das instituições de assistência e de ensino organizem as atividades dos enfermeiros de forma a permitir que os mesmos possam dedicar algum tempo à produção científica. Também a realização de trabalhos em grupo, elaborados por enfermeiros de uma mesma unidade de serviço, poderia facilitar a realização.

A indicação do fator custos, por conta do pesquisador, como limitante, decorre provavelmente dos baixos salários auferidos pelos enfermeiros e, ao mesmo tempo, dos valores bastante elevados cobrados por serviços de datilografia, estatística, correção de linguagem e outros.

Na Região Sul, segundo o documento COFEn e ABEn<sup>3</sup>, percebem de 1 a 6 salários mínimos 51,2% dos enfermeiros da área de saúde e 28,9% dos enfermeiros da área de ensino. Estes dados demonstram que os enfermeiros não dispõem de condições para subvencionar seus trabalhos científicos.

Por outro lado, os enfermeiros não usufruem dos benefícios das agências financiadoras, porque desconhecem estes órgãos (Tabela 4) e, assim, não solicitam financiamento.

O domínio da metodologia e o reduzido número de orientadores foram apontados em 3.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup> lugares como fatores limitantes da pesquisa. Esta constatação demonstra que mesmo os enfermeiros que produzem ressentem-se da necessidade de maior auxílio no que diz respeito à metodologia e a orientação, apesar de não se ter considerado os aspectos qualitativos dos trabalhos analisados.

Parece que é neste aspecto que reside a grande problemática da produção científica na enfermagem:

— os enfermeiros por não realizarem trabalhos, não participam do

meio científico e, por isto, desconhecem os órgãos financiadores e também não dispõem de recursos próprios para custear as despesas;

- os enfermeiros não conseguem se organizar, quer individualmente, quer em grupo, dentro da sua jornada de trabalho, para realizar pesquisa, porque para isto é preciso, entre outras coisas, que se disponha de um projeto de pesquisa bem definido;
- os enfermeiros não têm segurança no método, não conseguem tempo para desenvolver o trabalho, não podem subsidiar as produções e, por isso, não se sentem motivados.

A necessidade de conhecer a metodologia e a falta de orientadores são questões que necessitam urgentemente uma atenção especial, se a enfermagem entender que a produção científica precisa ser aumentada e melhorada.

A criação de mais um curso de doutorado em nosso país e o aumento do número de mestres são acontecimentos que poderão contribuir para, a longo prazo, resolver, pelo menos em parte, este problema.

Entretanto, é necessário que sejam organizadas estratégias que permitam, a curto prazo, aos enfermeiros adquirir habilidade na realização de trabalhos científicos.

A criação de núcleos de pesquisa nas Escolas de Enfermagem poderia ser o início de um trabalho que se estenderia pelo Estado. Para isto é preciso que pessoas mais habilitadas se disponham a sair de seu local de trabalho e participem do preparo dos docentes e assistentes desejosos de desenvolver este tipo de atividade.

A comunidade tem cobrado dos docentes cursos sobre pesquisa, mas os docentes, mesmo aqueles que são mestres, têm expressado, não raras vezes, dificuldades na metodologia, ao realizar os próprios trabalhos.

Pensa-se que, a partir destes núcleos, poder-se-ia expandir às demais instituições o treinamento e a capacitação dos enfermeiros nesta área.

Assim, grande parte dos fatores limitantes da produção científica poderia desaparecer, pois haveria melhor planejamento da jornada de trabalho, recursos para custeio dos projetos, maior motivação, mais facilidade de acesso à bibliografia e orientadores disponíveis.

#### 4 – CONCLUSÕES

O estudo da produção científica do enfermeiro, no Rio Grande do Sul, permitiu que se chegasse às seguintes conclusões:

a) Entre 1981 e 1984 houve estabilização da produção, mas em 1985, o crescimento foi de 121% em relação ao ano anterior.

b) As produções são feitas espontaneamente e para eventos, abrangendo 59,3% dos trabalhos estudados. Embora tenha aumentado o número de produções, ainda permanece a mesma proporção quando comparadas às finalidades.

c) Sobre a área assistencial recai a maior incidência das produções (53,3%), seguindo-se a área organizacional (25,8%) e, por último, a profissional (19,5%). Na área assistencial, o maior número de produções (81,9%) recai em nível hospitalar. Os trabalhos de saúde do adulto e materno-infantil tratam 87,5% do estudo de problemas psicobiológicos, 12,5% psicossociais e nenhum trabalho aborda problemas psicoespirituais.

As produções da área profissional, no que diz respeito à enfermagem enquanto profissão e ao ensino de graduação e pós-graduação, apresentam, respectivamente, 3 (7%) e 6 (14%).

Os trabalhos relacionados às estruturas organizacionais se atêm mais às linhas que tratam dos modelos de assistência de enfermagem, dinâmica das organizações e sistema de informações. Nota-se neste tema o interesse em estudar os registros de enfermagem.

Há grande dispersão de temas. Apenas um autor preocupa-se em aprofundar um mesmo assunto.

d) Os enfermeiros, de 1981 a 1985, trabalham mais em grupo (61,1%) do que individualmente (38,9%).

e) A proporção média das publicações, em relação às produções, nas áreas estudadas, é de 48,4%. A proporção entre produção e publicação guarda uma certa relação ao longo dos anos.

f) Verifica-se que houve solicitação de financiamento em apenas 14,9% das produções.

g) As razões que levam os enfermeiros a não aceitar financiamento são, principalmente, o desconhecimento dos órgãos financiadores (33,4%), exigências burocráticas (26,4%) e demora na aprovação do projeto (19,2%).

h) As três razões que mais contribuem para limitar a produção, segundo os enfermeiros, são a falta de tempo, custo por conta do pesquisador e pouco domínio da metodologia. Estas causas são apontadas co-

mo as mais importantes, tanto pelos produtores como por aqueles que não produzem.

i) A problemática da produção científica na enfermagem envolve um número grande de variáveis, algumas com possibilidade de serem resolvidas mais rapidamente, outras, com solução a longo prazo.

Entre estas entende-se que a capacitação do domínio da metodologia, a curto prazo, traria resultados importantes para a produção científica dos enfermeiros ao oferecer, entre outros ganhos, maior segurança, maior possibilidade de apoio financeiro e resultados de maior impacto sobre assistência e ensino.

j) Os achados indicam sobre tudo que a política definida em Avaliação e Perspectiva não está sendo levada à consecução, tendo em vista entre outros indicativos as áreas de pesquisa e os incentivos que têm sido destinados aos programas de apoio e aos próprios projetos.

## 5 – SUGESTÕES

Na tentativa de contribuir para a solução dos problemas enfrentados pela enfermagem, no campo da produção científica, apresentam-se as seguintes sugestões:

a) Tendo em vista que os trabalhos são em sua maioria feitos espontaneamente ou para eventos, sugere-se que, na realização destes, seja assegurado um espaço onde os enfermeiros possam expor seus trabalhos sem muita formalidade;

Nos ambientes de trabalho, propõe-se que chefias e enfermeiros organizem a jornada de trabalho de forma a permitir que os profissionais disponham de tempo para produção científica, pois, mesmo os que produzem apontam este aspecto como a limitação mais importante no desenvolvimento daquelas.

Ainda considerando o fator tempo, seria conveniente despertar os enfermeiros para a realização do trabalho em grupo, o que contribuiria, não só para um maior aproveitamento do tempo, como para enriquecê-lo através das sugestões e espírito crítico;

b) Como apenas metade dos trabalhos produzidos são publicados, sugere-se que seja possibilitada uma maior demanda junto aos periódicos. Isto pode ocorrer graças à liberação de trabalhos que ficam durante longos anos represados na REBEn;

c) Aparecendo o fator custo por conta do pesquisador, em 2.<sup>o</sup> lugar como limitante da produção, provavelmente em consequência dos baixos salários dos profissionais, é importante que as instituições financiadoras dêem uma atenção especial à área de enfermagem;

d) Indicando-se que a razão mais preponderante, apontada pelos enfermeiros da não solicitação de financiamento, é o desconhecimento dos órgãos financiadores, sugere-se que estes se preocupem em divulgar a sua estrutura e funcionamento na comunidade; quais os critérios utilizados nos julgamentos dos projetos e qual o montante financeiro destinado a atender a demanda.

Seria importante que as entidades de classe e instituições de saúde, através de seus veículos de divulgação (boletins, jornais, encontros e outros), ajudem a tornar estes órgãos mais conhecidos.

Sugere-se ainda que os enfermeiros encaminhem sistematicamente seus projetos de pesquisa aos órgãos financiadores;

e) Considerando-se que o domínio da metodologia para produção científica mostrou-se como um fator limitante, sugere-se que as Escolas de Enfermagem trabalhem estes conteúdos entre seus docentes, discentes e comunidade; as associações de classe com seus filiados e as instituições de saúde com seus funcionários.

Sugere-se ainda que se criem núcleos de pesquisa envolvendo docentes e assistentes para que possam promover educação continuada nesta área e dar suporte quanto à orientação de trabalhos.

Que o Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem promova uma maior participação dos enfermeiros e que se preocupe em discutir assuntos sobre produção científica com os profissionais menos experientes e que o Congresso Brasileiro de Enfermagem e outros eventos ofereçam oportunidade para se apresentar temas relacionados com a metodologia científica;

f) Como se faz necessário o conhecimento da realidade sobre produção científica, sugere-se que se façam trabalhos semelhantes e se encaminhe os resultados alcançados e as proposições formuladas às entidades de classe, aos órgãos financiadores da produção científica, às instituições de saúde e ensino;

g) É urgente que se reavalie a atual política de pesquisa na enfermagem. Para tanto, é preciso que se ausculte a comunidade, isto é, não só os cursos de pós-graduação, mas os cursos de graduação e, sobre tudo, os enfermeiros de campo.

Que o documento, daí surgido, seja amplamente divulgado, a fim de que se possa trabalhar a questão da produção científica seguindo as diretrizes estabelecidas.

## 6 – COMENTÁRIOS

Os resultados da Avaliação da Produção Científica do Enfermeiro no Estado do Rio Grande do Sul indicam que há uma tendência ao aumento do número de trabalhos produzidos pelos enfermeiros em nosso Estado. Embora não se tenha avaliado a qualidade dos trabalhos, identifica-se que há uma preocupação dos enfermeiros no sentido de melhorar os seus projetos, quando apontam a necessidade de possuírem maior domínio da metodologia e de haver maior número de pessoas disponíveis para orientação.

Os autores deste trabalho, membros da coordenação do Programa de Apoio à Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cientes das dificuldades apontadas pelos enfermeiros promoverão, na tentativa de melhorar as condições para produção científica, encontros abertos à comunidade chamados "Sextas de Ciência" onde serão apresentadas pesquisas com ênfase na metodologia utilizada. Ainda dentro desta perspectiva, foi planejado um curso sobre metodologia científica para professores da Escola quando, a partir daí, pensa-se que a comunidade poderá dispor de maior número de pessoas capacitadas para orientação.

SUMMARY: the paper is an exploratory survey of nursing scientific production in the State of Rio Grande do Sul, Brazil. The sample consisted of nurses in active service. They were sent a questionnaire concerning their scientific production between 1981 and 1985. The results evidence a low scientific production. Most works are not published and the application number to fostering agencies is very low. A data analysis points out aspects that should be taken into account on a policy-making proposal aiming to encourage nursing scientific production.

## 7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ADAMI, M.P. et alii. Utilização de agências financiadoras para pesquisa. A ótica de coordenadores de cursos e de alunos de pós-graduação em enfermagem e em saúde pública. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, 4, Anais, São Paulo, 1985. ABEn, 1985. p.162-92.
2. CASTRO, I.B. e. Discurso de abertura do Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem. Ribeirão Preto. ABEn/CNPq, 1979. p.4-6.

3. CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. *O exercício da Enfermagem nas Instituições de Saúde do Brasil: 1982/1983*. Rio de Janeiro, COFEn/ABEn, 1985. v.2, p.120-45.
4. CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. *Avaliação e Perspectiva*. Brasília, 1982. 191p. (Ciências da Saúde, 6 – Enfermagem – 38).
5. MACHADO, P. de A. A Enfermagem e a Pesquisa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 33, Anais, Manaus, 1981. ABEn, 1981. p.113-8.
6. PAIM, L. Questões e mitos acerca de modelos de assistência de Enfermagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 31, Anais, Ceará, 1979. ABEn, 1979. p.61-9.

Endereço do Autor: Clelia Soares Burlamaque  
Author's Address: Rua São Manoel, 963  
90.620 – PORTO ALEGRE (RS)